MACHADOS-ÂNCORA BRASILEIROS (1)

STIG RYDÉN

(*Traduzido por Oswaldo de Oliveira Riedel*)

Há cêrca de oito anos iniciei estudo sôbre machados de pedra sul-americanos, visando a indagar da distribuição geográfica de seus diferentes tipos, e para saber se a ocorrência de determinados tipos dos mesmos está relacionada à distribuição de grupo étnico específico e, ainda, se há interrelação cronológica dos vários tipos (2) Desde logo evidenciou-se que trabalho desta espécie dificilmente mostrar-se-ia compensador. Isto porque mais de noventa por cento dos machados sul-americanos preservados em museus europeus consistem nos achados fortuitos geralmente acompanhados de informações, quanto à proveniência, por demais insatisfatórias. Ao estabelecer a distribuição pré-colombiana dum povo, deve confiar-se, acima de tudo, em achados de cerâmica, e os machados de pedra de maior valor para trabalho desta natureza são precisamente aquêles que, quando coli-

(1) — "Brazilian anchor axes", in "Ethnological Studies" 4, ps. 50-83, 1937 (edited and published by Walter Kaudern, Ph. D., Director, Gothenburg Ethnographical Museum). (Nota do trad.).

(2) — Neste sentido desejo expressar meus cordiais agradecimentos ao Sr. Curt Nimuendaju, de Belém (Pará) pela gentileza com que me supriu de fotografias de machados-âncora conservados na coleção do Museu Goeldi, bem como pelas informações sôbre quais os museus europeus, por êle enriquecidos com machados-âncora por êle mesmo coligidos. Além disto devo-lhe o obséquio de ter-me chamado a atenção para o que D'Evreux (no texto: D'Evraux — Nota do trad.) consignou quanto a machados-âncora e sua manufatura, do que fiz transcrição. Aproveito ainda o ensejo para estender meu grato reconhecimento pelas fotografias de machados-âncora que me foram tão gentilmente colocadas à disposição pelos museus de Berlim, Dresde, Estocolmo, Leide, Londres, St. Gallen e Stuttgart.

gidos, estavam acompanhados de objetos cerâmicos. São, entretanto, escassas as descobertas assim coincidentes, dessa época. As áreas de distribuição definitiva de certos tipos de machado são averiguáveis à base de material que, ainda na atualidade, é acessível — exemplo disto é a enxó de pedra (cf. LINNE, pg. 197 e seg.; RYDÉN, pg. 227 e seg.), porém, a tentativa de determinar qual o povo que introduziu certo tipo de machado, esbarra com maior dificuldade. O tipo que será discutido aqui, o assim chamado "machado-âncora" ou "machado de configuração semilunar", encontra-se no entanto dentre os recolhidos em área nitidamente demarcada (cf. mapa, fig. 13), e por conseqüência imputado a grupo étnico definido, isto é, às tribos jê. Havia sido já assinalado por VON HOCHSTETTER (p. 103) que o machado-âncora é de origem brasileira, porém sòmente por meio de outros, posteriormente adquiridos pelos museus europeus, é que se tornou possível estabelecer sua conexão com as tribos jê. O primeiro dispositivo de machados-âncora, feito no intuito de lhes permitir averiguações de origem e ocorrência foi, parece, realizado por VON HOCHSTETTER, que o publicou em 1885. Desde então houve acesso a grande quatidade de material recente, de que me utilizei neste ensaio e para o qual me vali também de arranjos feitos por ANDREE, ANTZE, GIGLIOLI, etc., relativos a monografias sôbre machados-âncora.

O nome de "machados-âncora" — designação introduzida por VON IHERING — tem sido aplicado a machados de pedra em virtude de sua forma lembrar a duma âncora de navio, e constituem assunto do trabalho presente. O gume, na maioria das vêzes de acentuada convexidade e em forma de crescente, corresponde aos braços duma âncora; a parte da lâmina, comparável à haste daquela, isto é, o prolongamento lingüiforme ou peça conetiva que sai da borda côncava oposta ao gume, e que é parcialmente engastada no cabo, é aqui denominado colo. (3) Os machados-âncora são sempre adelgaçados em relação à sua largura, isto é, à distância entre os vértices do gume — e como êste é geralmente mais espêsso que o colo, há neste caso em ambas as faces da lâmina um ressalto ou equivalente para destacar, da porção do gume, o colo. Êste se vai estreitando em direção à extremidade que é, ou encaixada no cabo, ou a êle contraposta. Eram utilizadas ora substancias aglutinantes, ora qualquer espécie de ligamento para melhor fixação da lâmina ao cabo. Deduz-se, da circunstância de terem sido embutidos em cabo rudimentar (cf., fig. 6), que certos machados-âncora não poderiam ter servido muito bem a qualquer finalidade prática. Esta espécie de cabo é tão

(3) — "Butt" no original. Dentre **coronha, fuste** e **colo** escolhemos êste último, que nos pareceu traduzir melhor aquêle têrmo técnico inglês — (Nota do trad.).

delgada que o colo não poderia ter sido, possìvelmente, nêle engastado. Tal particularidade explica, sem dúvida, a ocorrência ocasional de machados-âncora com o colo em forma de T, ou com entalhes gravados nas extremidades, minúcias cujo propósito deve ter sido o de propiciar maior firmeza ou segurança para o liame. A êste respeito retornarei em breve.

Consiste o material, base do presente estudo, parcialmente em machados-âncora encabados, parcialmente em lâminas de machados — êstes últimos coligidos arqueològicamente em suas quase totalidade. A coleta sistemática, com finalidade explanatória da vida e cultura dum povo primitivo — no caso vertente as de ameríndios — é, como sabemos, fase comparativamente moderna de pesquisa etnográfica. Não obstante, foram conduzidos para a Europa, ainda nas centúrias imediatas às da descoberta da América, objetos etnográficos por interêsse estribado em mera curiosidade. Aí eram tais objetos freqüentemente encorporados às coleções existentes em algum Gabinete Real de Curiosidades. Coleções assim formaram o núcleo do acervo de mostruários existentes em muitos museus etnográficos dos dias atuais. Tal é, por exemplo, o caso dos de Leninegrado, Haia, Copenhague, Berlim e Dresde. De permeio a peças etnogràficamente valiosas da América do Sul, e que já foram trazidas à Europa em tempos remotos e desde então conservadas através de séculos, encontra-se número espantosamente acentuado de machados com lâmina em forma de âncora. A esta categoria pertencem: os dois machados-âncora de Dresde que haviam sido incluídos na Coleção Eleitoral provàvelmente já em 1652 (JACOBI, p. 6); o machado divulgado por COLLINI, já referido desde 1648 por M. ULISSE ALDROVANDI no "Museum Metallicum" sob a epígrafe "Securis Lapidae in sacrificiis Indorum usitata"; e, finalmente, o machado-âncora de Zwolle, dado à publicidade por SCHMELTZ. Os mais antigos, fora de dúvida, são os conservados no museu de Viena. A êstes voltarei mais tarde.

A literatura mais recuada é extremamente falha quanto à informação sôbre o uso de implementos de pedra entre os aborígines. Na maior extensão do continente americano a Idade da Pedra, como é notório, ainda prevalecia ao tempo da descoberta, mas êste fato parece não ter suscitado então, em apreciável medida, o interêsse dos europeus. Por outro lado êste estágio cultural era, òbviamente, o de muitos outros povos primitivos com os quais portuguêses e espanhóis entraram em contato pela primeira vez. Conheço apenas uma citação na literatura do século XVII em que é feita referência ao machado de pedra ora em estudo. CURT NIMUENDAJU, (4) gentilmente, chamou-me a atenção para o que o Pe. YVES D'EVREUX (ps.

(4) — No texto: **Nimendajú** — (Nota do trad.).

141/142) (5) descreveu quanto à manufatura de machados-âncora entre os tremembé, (6) do interior do Maranhão. É a seguinte a descrição de D'EVREUX: "*Carouatapyran* vn des Principaux de *Comma*, m'apporta vne de ces haches de pierre, toute teinte de sang, & velue des cheueux qui y estoient colez, auec la ceruelle du fils du Principal *Ianouaran*, de laquelle il auoit esté tué, & qui fut trouuee sur luy. *Carouatapyran* m'apprit ce que ie ne sçauois pas, touchant ces haches, faicte d'vne pierre tresdure, & taillees en forme de croissant: car il me dit, que les *Trememb*aiz auoient coustume tous les mois, au premier iour de Croissant, de veiller toute la nuiet â faire ces haches, & ne cessoient qu'elles ne fussent parfaites, ayans ceste superstition, que portans ces haches en guerre, ils n'estoient iamais vaincus, ains remportoient la victoire de leurs ennemis: pendant qu'ils fout ces haches, les femmes, filles, & enfants sont dehors *Aioupaues*, dansant & chantant à la face du Croissant." (7)

Como se deduz da descrição acima, os machados-âncora não são meramente armas no sentido do têrmo, mas estão ligados, também, a conceitos de magia. POHL (ps. 194/195), em suas viagens pelo Maranhão durante os anos de 1817 a 1821, adquiriu dos poracamecrã um machado-âncora. De sua descrição ressalta que êste constitui espécie de símbolo dignitário para o chefe e para os que o imediatamente sucedem: "Der Capitão, aus ihrer Mitte gewaehlt, ist ihr oberster Vorgesetzter und Feldherr. Er erklaert Krieg und schliesst Frieden, bey welchen Verrichtungen ihm jedoch ein Rath, von den aeltesten Maennern des Stammes zur Seite steht. Er verhaelt sie zur Jagd, zum Fischfang, zum Anbau der Pflanzungen u.s.w., ist oberster Richter, und schlichtet ihre Streitigkeiten; kurz, er uebt jegliche obrigkeitliche Gewalt aus, und es sind ihm alle zu unbedingten Gehorsam verpflichtet... Als Abzeichen ihre Wuerde trugen der Capitão und dessen Unteranfuehrer ein eigen geformtes Beil von Granit unter den Achseln. Dieses Beil, halbmondformig zugeschliffen,

(5) — P. Yves D'Evraux, no original. (Nota do trad.).

(6) — **Tremambaiz**, no original. (Nota do trad.).

(7) — Não foi traduzida no texto, para o inglês, esta citação. Traduzimos: "Caruatapirá, um dos chefes de Comá, trouxe-me um dêstes machados de pedra, todo tinto de sangue e piloso em virtude de cabelos aí aderidos em massa encefálica do filho do chefe Ianuarã, machado com o qual fôra morto e que sôbre êle encontraram. Caruatapirã explicou-me o que eu desconhecia concernente a êstes machados, feitos de pedra muito dura e esculpidos em forma de crescente: porquanto me disse que os tremembé tinham o hábito de, no primeiro dia de novilúnio, todos os meses, ficarem vígeis durante a noite tôda fazendo êstes machados, não cessando enquanto não estivessem perfeitos. Alimentavam superstição de que, levando tais machados à guerra, não seriam vencidos, antes, arrebatariam aos inimigos a vitória. Enquanto fazem êstes machados, as mulheres, môças e crianças ficam de fora dos aiupoés, dançando e cantando sob a égide do crescente. (Nota do trad.)

7 Zoll lang, ist an einem kurzen Stiele von 10 Zoll Laenge befestigt, von welchem rothgefaerbte Baumwollschnuere herabhaengen. An beyden Enden dieses Stieles ist ein duennes Band befestigt, vermoege welchen, das Beil auf der Achsel festgehalten wird. Es gelang mir nur mit vieler Muehe, durch Vermittlung Carvalho's und gegen Erstattung eines Gegengeschenkes, aus mehreren Messern bestehend, ein solches Beil zu erhalten. Sie gaben sie ungern weg, da ihre Verfertigung sehr muehsam ist. In Kriege wissen sie dieses Beil mit besonderer Gewandtheit zu fuehren, und es hat die Bestimmung, vorzugsweise den Feinden die Koepfe zu spalten." (8)

SPIX E MARTIUS (vol. III, p. 824) sòmente mencionam que entre as tribos jê do nordeste do Brasil é conduzido, por chefes guerreiros, machado de pedra com cabo curto como emblema jerárquico, e KISSENBERTH (p. 58) afirma que, entre os caiapós, os machados-âncora são símbolo dignitário dos pajés. Sua citação é encontrada na página 60. (9)

O machado-âncora era originalmente, sem dúvida, mera arma, porém certas noções de magia lhe foram associadas, transmutando gradativamente sua função para a de emblema jerárquico, isto é, para a de arma de cerimonial. A seguir verificaremos que esta teoria é confirmada pela configuração do machado. O cabo, que nos machados primitivos servia a finalidade prática, míngua gradualmente a ponto de tornar-se rudimentar.

Nas páginas seguintes será dada breve descrição dos machados-âncora na dependência das ilustrações aqui publicadas. Serão descritos com minúcias apenas os objetos agora divulgados pela primeira vez, enquanto em outros casos far-se-á referência às publicações já existentes.

---

(8) — Não foi traduzida para o inglês, no trabalho original, esta citação de Pohl. Traduzimos: "O principal, selecionado dentre seu meio, é seu superior jerárquico e cabo-de-guerra. Declara guerra e celebra a paz, para cujas atribuições, entretanto, é assessorado por um conselho constituído dos mais velhos da tribo. Determina-lhes a caça, a pesca, o plantio etc., é seu supremo juiz e lhes dirime as querelas: em suma, exerce poder autoritário cabal e todos lhe são sujeitos a irrestrita obediência. Como símbolo de sua dignidade, o principal e seu lugar-tenente conduziam, sob as espáduas, machados de granito de forma peculiar. Êste machado, polido de modo a ser-lhe dada forma semilunar, com 7 polegadas de comprimento, está afixado a um cabo curto de 10 polegadas, do qual pendem cordões de algodão tintos de vermelho. Em ambas as extremidades dêste cabo está prêsa uma fita, por intermédio da qual o machado fica seguro à espádua. Consegui a duras penas um machado dêstes por intermédio de Carvalho e mediante oferta de presentes em troca, constantes de várias facas. Deram-no com relutância, de vez que sua feitura é trabalhosa. Sabem conduzir na guerra com particular destreza êste machado, que tem a precípua finalidade de fender crânios de inimigos." (Nota do trad.).

(9) — Corresponde à p. — desta tradução. (Nota do trad.).

FIG. 1 — (A) — Êste machado pertence ao *Rijksmuseum voor Volkenkunde*, Leide, e é descrito como segue: "Machado castanho-acinzentado, em forma de âncora, tendo lâmina em forma de crescente, que de modo imperceptível se incorpora ao colo. As bordas cortantes e côncavas dêste último confluem para a extremidade plano-convexa. Tôda sua superfície é polida. Comprimento total: 17 cm; largura do colo: 11,5 cm; comprimento da lâmina: 14 cm (em linha reta entre os vértices); largura da lâmina: 4 cm; espessura: 3,5 cm." Não é dada informação quanto à sua proveniência.

(B) — Agora propriedade do *Staatliches Museum fuer Voelkerkunde*, Berlim (V. B. 4643), porém originàriamente constituiu parte da coleção do *Rheinisches Mineralienkontor*, em Bonn. É de diábase de coloração escura. Comprimento: 16 cm; largura: 20,5 cm; proveniência: Estado do Ceará. No mapa da fig. 13 está indicado pelo n.º 1 o local exato da descoberta. HARTT (est. VII: 5, 10, ps. 49/50, 52/53) retrata dois machados similares a êste aqui ilustrado. Um dêles foi conseguido no Piauí (mapa da fig. 13, indicado pelo n.º 2), sendo desconhecida a proveniência do outro. Lâmina de machado de semelhante aspecto e oriundo de alguma localidade ignorada no Brasil oriental foi, em 1935, exposta à venda por Gustaf Umlauff em Hamburgo.

(C) — No *Museu Goeldi*, Pará (n.º 66). Largura: cêrca de 11 cm. Dos apinajé. No mapa, fig. 13, enumerado 3a.

(D) — No *Museu Goeldi*, Pará (n.º 67). Largura: cêrca de 10 cm. Dos apinajé. No mapa, fig. 13, enumerado 3b. Machado semelhante, de ignota origem, foi divulgado por HARTT (est. VII: 12 e VIII: 12, ps. 49, 52/53).

(E) — Publicado por NETTO (est. VI: 28, p. 549). Maranhão. Indicado no mapa sob o n.º 4.

(F) — No *Rijksmuseum voor Volkenkunde*, Leide. Descrito como segue: "Machado de pedra castanho-negro, com forma de âncora. A extremidade do colo não é polida, e um dos cantos está quebrado. Total do comprimento: 12,5 cm. Largura do colo: 5 cm. Comprimento da lâmina: 14,5 cm (em linha reta entre as vértices). Largura da lâmina: 4 cm. Espessura: 3 cm." Não é dada a proveniência.

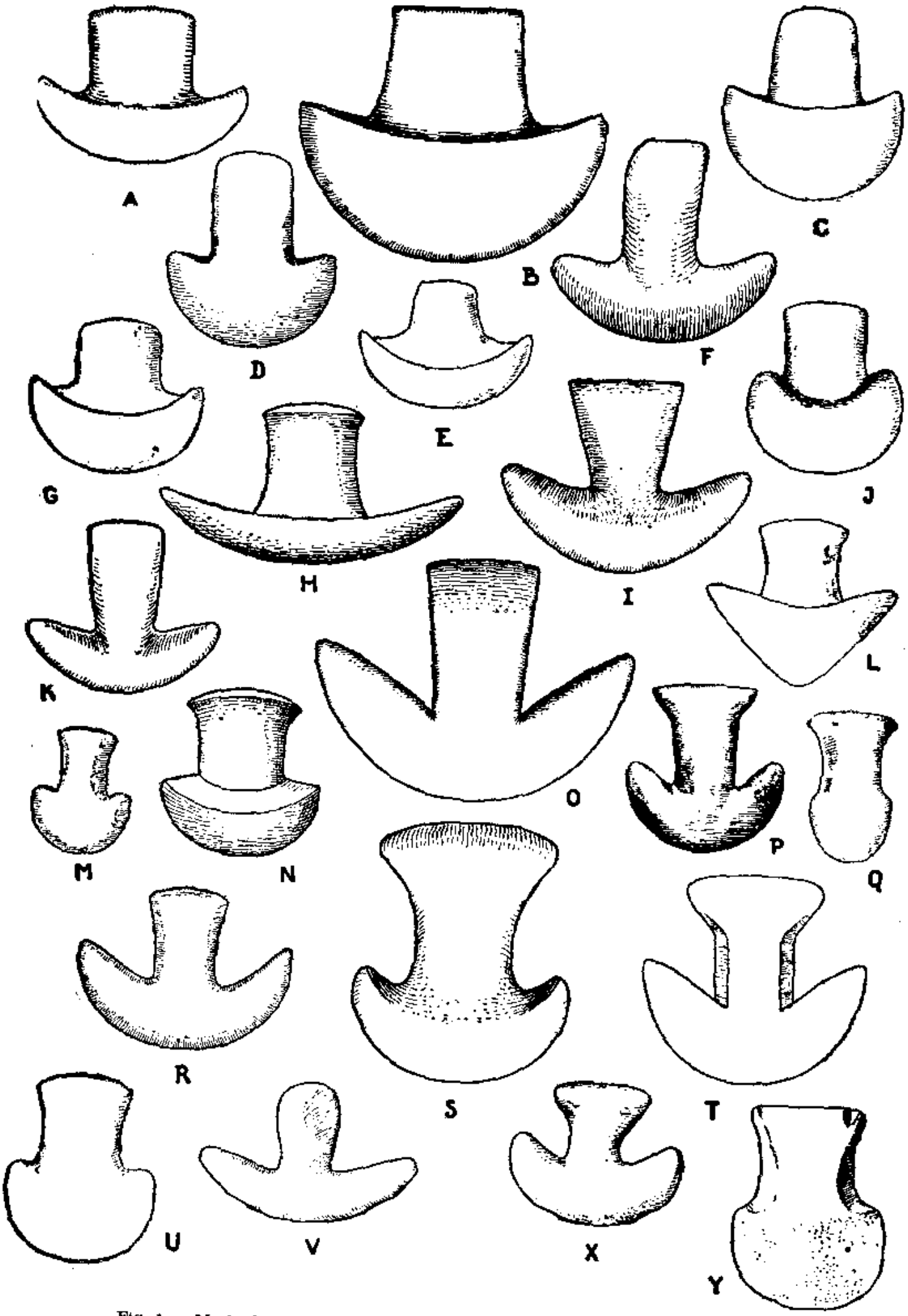

Fig. 1 — Machados-âncora do Leste brasileiro.

(G) — Publicado por NETTO (est. VI: p. 550). Proveniência: Pará. No mapa da fig. 13 é indicado sob o número 5. Machado semelhante, de localidade ignorada, foi divulgado por HARTT (est. VII: 8 e VIII: 8, ps. 48, 52/53).

(H) — Publicado por NETTO (est. VI: 26, p. 549). Brasil setentrional.

(I) — Agora propriedade do *Staatliches Museum fuer Voelkerkunde,* Berlim (V. B. 4589), mas primitivamente incluído nas coleções do *Rheinisches Mineralienkontor,* em Bonn. De diábase grosseiramente granulada. Comprimento: 13 cm. Largura: 16,5 cm. Adquirido perto de São João del Rei (10) em Minas Gerais. No mapa está indicado sob o n.º 6. Lâmina de machado com forma pràticamente semelhante foi retratada por VON IHERING (1, est. XXII:, p. 547). Encontrado em São Bento de Sapucai, no Estado de São Paulo. A localidade está indicada no mapa pelo n.º 15.

(J) — Esta lâmina de machado foi encontrada em Bananal, Estado de São Paulo, e foi divulgada por VON IHERING (1, est. XXII: 24, p. 547). O ressalto entre as porções do gume e do colo se apresenta como suave transição. Número 16 no mapa da fig. 13.

(K) — No *Staatliches Museum fuer Voelkerkunde,* Berlim (V. B. 9037). Coleção de von den Steinen. Comprimento: 11,5 cm; largura: 13 cm. Machado defeituoso, que a êste se assemelha, pode ser encontrado em HARTT (est. VII: II e VIII: ii, ps. 50/51, 52/53). A proveniência dêste machado é de Blumenau, Santa Catarina (11), sendo indicada a localidade no mapa sob o n.º 7. Dois outros machados semelhantes, não obstante intatos, foram divulgados pelo mesmo autor (HARTT, est. VII: 7, 9 e VIII: 7, 9, ps. 51, 52/53). A proveniência é dada sòmente para um dêles, no caso: Amazonas.

(L) — Publicado por NETTO (est. VI: 25, p. 549). Brasil setentrional.

(M) — Publicado por NETTO (p. 492). Nenhuma informação quanto à proveniência.

---

(10) — So texto: "S. Joa do Rei". (Nota do trad.).

(11) — No texto: "Blumenbau, Santa Cathrina". (Nota do trad.).

(N) — Publicada por NETTO (est. VI: 29, p. 550). Proveniência: Vale do Tocantins. Enumerada 8 no mapa.

(O) — Publicado por NETTO (p. 494). Não foi dada a proveniência.

(P) — No *British Museum*, Londres (n.º 95-2), da coleção de Sir J. D. Hooker. Verde acinzentado, com pátina castanha. Comprimento: cêrca de 11 cm. Proveniência: Minas Gerais. Marcado sob o número 9 no mapa. Publicado por JOYCE (fig. 33, f).

(Q) — Publicado por NETTO (p. 492). Não foi dada a proveniência.

(R) — Publicado por NETTO (p. 494). Não foi dada a proveniência.

(S) — No *Rijksmuseum voor Volkenkunde*, Leide (série 1184, n.º 2). É descrito como segue: "Machado castanho-amarelado, com forma de âncora; lâmina polida, com forma de crescente e discreto encurvamento na porção posterior; colo largo e achatado, de lados paralelos, pouco mais delgado que a lâmina. Comprimento do colo: 10 cm; largura do colo: 10 cm; comprimento da lâmina: 13,5 cm (em linha reta entre os vértices); largura da lâmina: 3,5 cm. Espessura: 2,5 cm."

(T) — Publicado por VON IHERING (2, p. 217). Proveniência: Serra do Erval, entre 30º e 31º de latitude sul, a oeste da Lagoa dos Patos entre Camaquã e Jacuí (Rio Grande do Sul). VON IHERING relata que êste machado é feito de variedade de rocha que não ocorre em estratificação natural, nem na Serra do Erval, nem na Serra dos Tapes (12). Marcado pelo número 10 do mapa. Outro machado-âncora do mesmo Estado é referido por PALDAOF (p. 341). (13)

(U) — Publicado por HARTT (est. VII: 2 e VIII: 2, ps. 48/49, 52/53). É feito de espécie de gnaisse e

(12) — No texto: Serra dos Talper. (Nota do trad.).

(13) — Angyone Costa (Introdução à Arqueologia Brasileira, 3.ª edição, Brasiliana — 1959), cita na bibliografia: PALADOFF (J. M.) — Ver também a nota 34 — Nota do trad.)

foi encontrado perto de Diogo Velho, no Estado (14) de Minas. Assinalado como 11 do mapa.

(V) — Publicado por HARTT (est. VII: 2 e VIII: 2, ps. 51/53). Feito de calcário e oriundo do alto Tocantins. Largura: 14 cm. Enumerado 12 no mapa.

(X) — Publicado por HARTT (est. VII: 6 e VIII: 6, ps. 50. 52/53). Largura: 11 cm. Proveniência: S. Pedro de Alcântara, Estado (14) do Paraná. Número 13 no mapa.

(Y) — Outro machado publicado por HARTT (est. VII: 3 e VIII: 3, ps. 49, 52/53). De certa variedade de rocha que aparenta ser gnaisse. Largura: 9,5 cm. Proveniência: Estado (14) de Minas Gerais. Enumerado no mapa, 14.

A fim de completar o material de machados-âncora destituídos de cabo, também ilustrei aqui alguns modelos dos caiapó de Pau d'Arco (fig. 2). Êstes machados pertencem ao *Museum fuer Voelkerkunde*, Berlim. Os machados A e D são d earenito, e B e C de cêra. As larguras dos machados são as seguintes: A — 22,5 cm; B — 20,5 cm; C — 14,5 cm; e D — 18 cm. Todos êstes foram coletados por KISSENBERTH e em seu relatório de viagem descreveu as circunstâncias sob as quais foram adquiridos (KISSENBERTH, p. 58): "Die Wayangá (as he was told the medicine-men were called) trugen in frueheren Zeiten als besonderes Abzeichen ihrer Wuerde von der

Fig. 2 — Modelos de machado-âncora dos caiapó.

(14) - No texto: Província. (Nota do trad.)

Schulter herabhaengende Zeremonialbeile aus Diorit oder Diabas mit halbmondfoermiger Klinge und mit Baumwollfaeden umwickelten Stielen. Ich konnte kein einziges dieser wertvollen Objekte mehr auffinden und brachte lediglich ein paar Modelle aus Wachs und Sandstein mit. Die Originale sollen nach den Angaben der Mekubengokrae-Kayapó in Pflanzungen vergraben liegen." (15):

Nas figuras 3-6 pode ser vista série de machados-âncora encabados que, onde tenha sido designada sua proveniência, são oriundos do Brasil oriental.

FIG. 3 — (A) — Machado-âncora primitivo que faz parte das coleções etnográficas do museu Zwinger de Dresde (n.º 697). De módo idêntico ao do machado visto na fig. 3F, pertenceu provàvelmente às coleções Eleitorais (JACOBI, p. 6) desde 1652. A parte inferior do cabo é revestida de fôlhas, aí mantidas por extensivo enrolamento de cordões. A bandoleira — na figura, parcialmente enrolada por sôbre o cabo — é tecida com fios de algodão. Ao invês disto, sua extremidade pendente deveria estar atada à porção superior do cabo, do modo como depreende das ilustrações do mesmo machado que KRICKEBERG publicou em BUSCHAN: "Illustrierte Voelkerkunde" (fig. 114, p. 260) e MEYER e UHLE em "Seltene Waffen aus Afrika, Asien und Amerika" (est. 10: 7, p. 6), onde também êle é descrito pormenorizadamente. A lâmina é de variedade verde-negra duma rocha, possìvelmente diorito. O comprimento do cabo é de 62,5 cm. Tinha sido prèviamente publicado por KLEMM (est. VI: b) e por VON HOCHSTETTER (est. V: 4, p. 102).

(B) — Êste machado é de propriedade do *Kungliga Vitterhets-Historie-och Antikvitetsakademien*, em Estocolmo, e constitui parte das coleções da Academia conservadas no Museu Etnográfico dessa cidade. Não se sabe há quanto tempo está êste machado na Suécia, mas fazia parte, presumìvelmente, dos primeiros trazidos à Europa e aqui conservados até os tempos atuais.

(15) — No texto não foi traduzida, para o inglês, a citação de KISSENBERTH. Traduzimos: "Os uaiangá (como lhe foi dito serem chamados os pajés), conduziam em tempos remotos, como especial distintivo dignitário, pendendo-lhes dos ombros, machados de cerimonial feitos de diorito ou diábase com lâminas semilunares e cabos envolvidos por cordões de algodão. Não mais pôde encontrar um só dêstes preciosos objetos e trouxe apenas modelos feitos de cêra e de arenito, dois de cada. De acôrdo com as informações dos mencubagoeré-calapó, devem os originais estar enterrados nas plantações." (Nota do trad.).

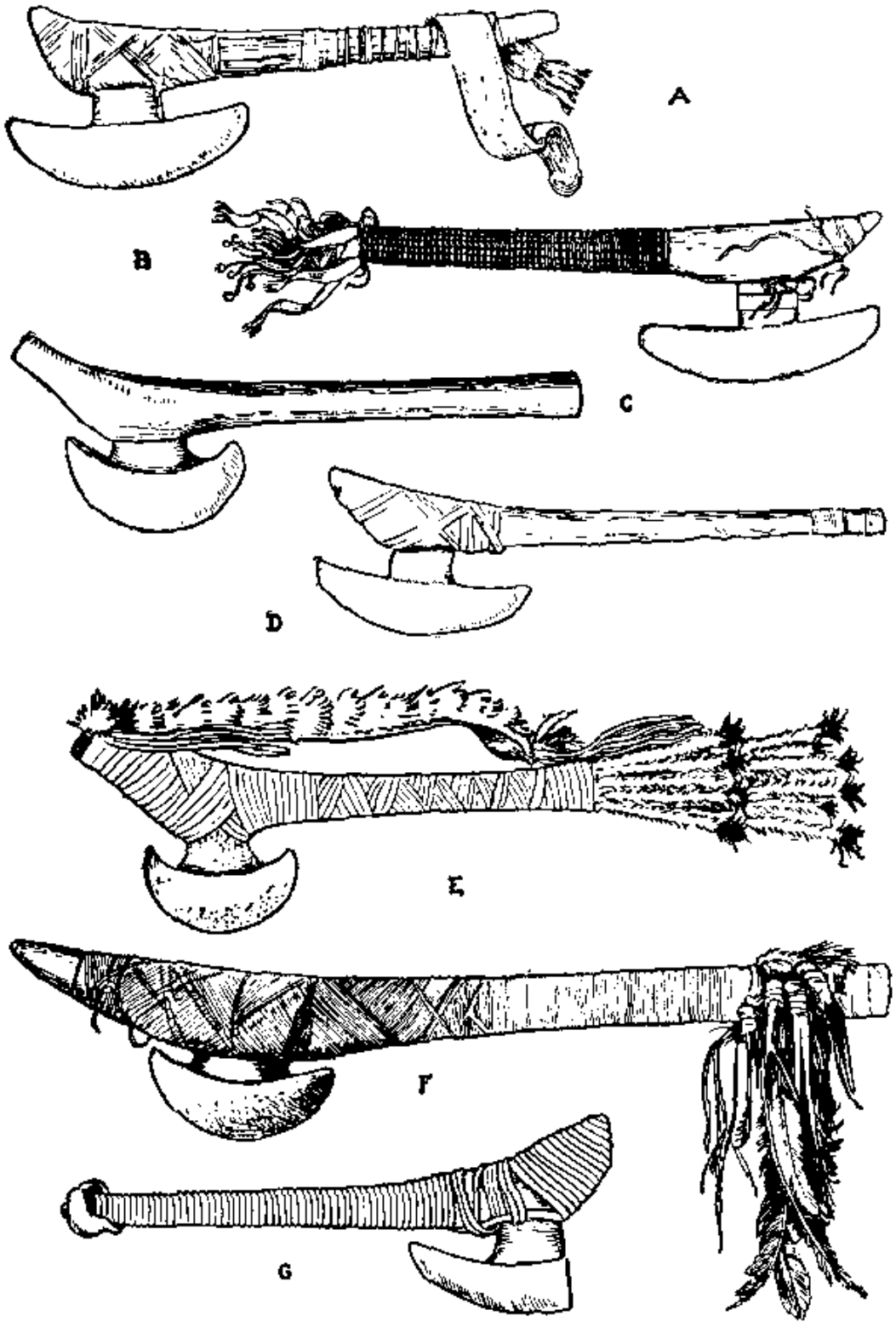

Fig. 3 — Machados-âncora brasileiros.

Pode ter chegado à Suécia, quiçá, no século XVII através de agência dalgum dos numerosos mercadores holandeses então sediados neste país, ou através da Dinamarca, que a essa época também mantinha intercâmbio com o Brasil. O machado está sèriamente danificado e, das penas ornamentais na porção distal do cabo, restam agora sòmente alguns fragmentos. Na porção inferior do cabo há revestimento de tiras de embira, afixadas por um cordão envolvente. Entalhe na porção superior do cabo sugere ter sido o machado outrora munido duma bandoleira. O comprimento do cabo é de 57,5 cm. Foi divulgado por NORDENSKIOLD (I, p. 38).

(C) — Êste machado parece ter sido o primeiro a ser divulgado na Europa. Realmente houve referência a êle já em 1648 por M. ULISSE ALDROVANDI no "Museum Metallicum" sob a epígrafe *"Securis Lapidae in sacrificiis Indorum usitata"*. como o mostraram PIGORINI (p. 12) e COLINI (p. 257), que descreveram com minúcias êste objeto. O cabo tem o comprimento de 58 cm. Seu envoltório não mais existe, porém suas impressões ainda lhe podem ser percebidas. Duas perfurações através do cabo indicam possìvelmente que o machado foi outrora conduzido mediante uma alça. Êste machado é agora possessão do Museo Nazionale Preistorico ed Etnografico, em Roma.

(D) — Divulgado por R. ANDREE (p. 17) e conservado, àquele tempo, no *Herzogliches Museum*, de Brunswick. O comprimento do cabo é de 57 cm. Os envoltórios consistem de fio de algodão impregnado dalguma substância resinosa que os tornam firmemente aderentes. São, outrossim, tintos com urucu. Nas extremidades superior e inferior do cabo permanecem traços da bandoleira. A lâmina consiste de variedade escura, quase negra, de rocha finamente granulada.

(E) — Êste machado-âncora pode sem hesitação ser descrito como um dos mais belos conservados até nossos dias. Foi divulgado através de minuciosa descrição por GIGLIOLI (est. III: 1, p. 25 e segs.), e admitido como sendo originário dos caraó. O comprimento do cabo é de 54 cm. A bandoleira é tecida com fio de algodão e as penas são de arara (*Ara macau*). Também há penas de arara entretecidas a borlas na extremidade proximal do cabo, e em suas extremidades estão fixadas algumas penas de tucano. O corpo do machado é de diorito cinza mosqueado, com veios brancos e largos. Comparado aos machados precedentes, êste é de período relativamente bem recente: ao que parece, por volta de 1875, de acôrdo com GIGLIOLI (p. 27).

(F) — De modo análogo ao machado A acima, também êste faz parte das coleções do Museu Etnográfico Zwinger, de Dresde (n.º 696) e já alcançara a Europa em 1652. Foi descrito com pormenores por MEYER e UHLE (est. 10: 6, p. 6) e por VON HOCHSTETTER (est. V: 5, p. 102); foi anteriormente divulgado também por KLEMM (est. VI: a). O cabo é enrolado com fio de algodão e — consoante MEYER e UHLE — decorado na extremidade proximal com penas de *Sittace coccinea* Rchnw., *Erythrocnema unicincta,* Temm. e *Ibis rubra* L. A lâmina do machado é, ou de felsito (16), ou de quartzo. O comprimento do cabo é de 60 cm.

(G) — Êste machado foi divulgado por SCHMELTZ (est. XV: 8, p. 195). Pertencia naquela época ao *Geschichtkunig Overrijselsch Museum* de Zwolle. A concluir pela etiquêta a êle anexa, êste machado foi pôsto em uso, parece, na assim chamada "rebelião dos patriotas" de Deventer, em 1787. Infere-se isto da legenda, que assim reza: "Arma Tenebrarum, inventa A:o 1787 formidolosi temporis patriotissimi reliquia."

"Dit waapentuig der duisternis
gebruikt door boose listen
toont wat gewaande vrijheid is
Daar licht en plichten misten A:o 1787." (17)

É porém improvável tenha sido usado realmente nessa ocasião. SCHMELTZ, entretanto, opina que, a julgar pela etiquêta, o machado existia naquela época na Holanda e é possível tenha sido levado para aquêle país já no século XVII, quando, como é notório, era grande a influência batava no Brasil. O cabo, que tem 57 cm de comprimento, é envolvido por tiras dum caniço (18) e sua extremidade proximal está ornamentada por uma concha (Pyrula?)

Os machados representados na fig. 3 são todos munidos de cabos adequados ao manejo. Com exceção do machado E, todos êles foram provàvelmente introduzidos na Europa antes ou durante o século XVII. Nas figs. 11-12 ilustrei dois machados-âncora incluídos na Coleção Ambras em Viena, e a êles faço novamente referência na p. 77. (19) O machado reproduzido na fig. 11 é de há muito conhecido

(16) — No texto: "petrosilex", que é riolito petro-silicoso. (Nota do trad.).
(17) — No texto, não foi traduzida para o inglês esta quadra. Traduzimos: "Esta arma da Tenebrosidade /usada com malévolos ardis, /mostra o que é pretensa liberdade/ quando luz e deveres se eclipsaram. Ano 1787.". (Nota do trad.).
(18) — No texto: "Rohrstreifen" — (Nota do trad.).
(19) — Corresponde à p. 92, desta tradução. (Nota do trad.)

como o "machado de batalha de Montezuma", porém, em seu trabalho sôbre a coleção há pouco mencionada, VON HOCHSTETTER sustenta que ambos, êste e o que se vê na fig. 12, vieram do Brasil oriental. Não se conhecem machados-âncora de pedra provenientes do México, se bem que, em contrapartida, os haja metálicos. Se êstes dois ma-

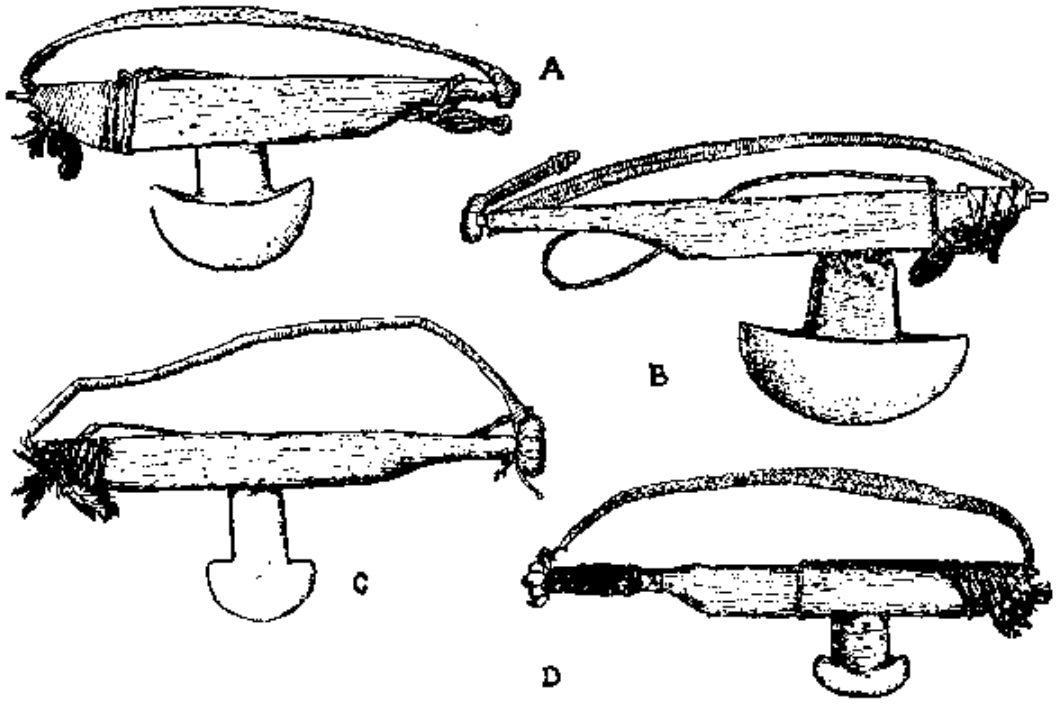

Fig. 4 — Machados-âncoras brasileiros.

chados do século XVI fôssem na realidade do Brasil, seriam neste caso os mais antigos conhecidos e, outrossim, os únicos machados de guerra pròpriamente ditos, daquela região. Os machados que se vêem na fig. 3 poderiam ter sido perfeitamente utilizados como armas, entretanto a mera presença de bandoleiras é suficiente para denotar seu caráter cerimonial.

Se olharmos para a fig. 4, representativa de machados coligidos durante o segundo meado do século XIX, notamos certos indícios de degenerescência se comparados aos da fig. 3. A lâmina deslizou mais para a porção mediana do cabo, e êste se tornou mais tôsco em configuração.

FIG. 4 — (A-D) — Êstes machados pertencem, todos ao *British Museum* de Londres. Sòmente o machado D é de procedência conhecida: é, segundo se afirma, originário do Rio Tocantins. A lâmina é de quarzito branco. RATZEL (vol. II, p. 582) o havia prèviamente divulgado. Presenteou-o em 1860 ao Museu

Britânico, R. MARSHAM (20) que, em 1877, também fêz doação dos machados A e B. Nesse ano, ainda, foi adquirido pelo museu o machado C. Poderá ser notado que guardam, uns em relação aos outros, estreita semelhança. A extremidade distal do cabo foi, em todos êles, revestida por enrolamento de fibras e decorada com umas poucas penas; porém, no caso do machado D, na extremidade proximal também existem algumas delas. A execução da bandoleira varia dentre os diversos machados: em A e D é utilizada técnica de tecedura diagonal enquanto em B e C foi empregado outro método. São os seguintes os comprimentos dos cabos: machado A, 40 cm; B, 46 cm; C, 42 cm; e D, 42 cm.

FIG. 5 — (A-G) — Êstes machados foram todos coligidos, dentre os apinajé, pelo explorador teuto-brasileiro CURT NIMUENDAJU. O machado A pertence à seção etnográfica do Museu de Gotemburgo (G.M. 30. 40. 79). (21) O comprimento da lâmina é de 27 cm e esta é de variedade verde-acinzentada, duma rocha finamente granulada. B pertence ao Museu Goeldi, do Pará (n.º 68). Comprimento do cabo, 28 cm. C é propriedade do Museu Etnográfico Zwinger de Dresde (n.º 44488). Outro machado semelhante, também dos apinajé, foi ilustrado muito bem por ESTÊVÃO DE OLIVEIRA (est. II: 2). D pertence à seção etnográfica do Museu de Gotemburgo (G.M. 30. 40. 80). O comprimento do cabo, 26 cm; a lâmina é de variedade negro-acinzentada, de rocha finamente granulada. E pertence ao *Staatliches Museum fuer Voelkerkunde*, Berlim (V. B. 8469). Comprimento do cabo, 27 cm. F pertence à seção etnográfica do Museu de Gotemburgo (G. M. 30. 40. 78). Comprimento do cabo, 42 cm; a lâmina é de rocha finamente granulada, verde-acinzentada. G pertence ao Museu Etnológico Zwinger, de Dresde (n.º 44489).

Falando no sentido lato, êstes machados são muito semelhantes aos que os precedem, ilustrados na fig. 4. A configuração do cabo é idêntica. Nestes machados modernos da fig. 5, entretanto, o cabo está inteiramente coberto, envolvido por fio de algodão tinto com urucu. É notável terem as lâminas guardado sua forma primitiva. Sòmente num caso, fig. 5D, há razão para suspeitar-se ter degenerado sua configuração. É provável que estas lâminas sejam antigas, reencabadas, possìvelmente por várias vèzes. Na transcrição acima referida

(20) — No texto vem o nome precedido do titulo inglês "Hon" (Honourable), que corresposde ao nosso Ilustre e é, em geral, conferido por simples cortesia. (Nota do trad.).

(21) — A abreviação G. M. corresponde a Gothenburg Museum, Ethnographical Section.

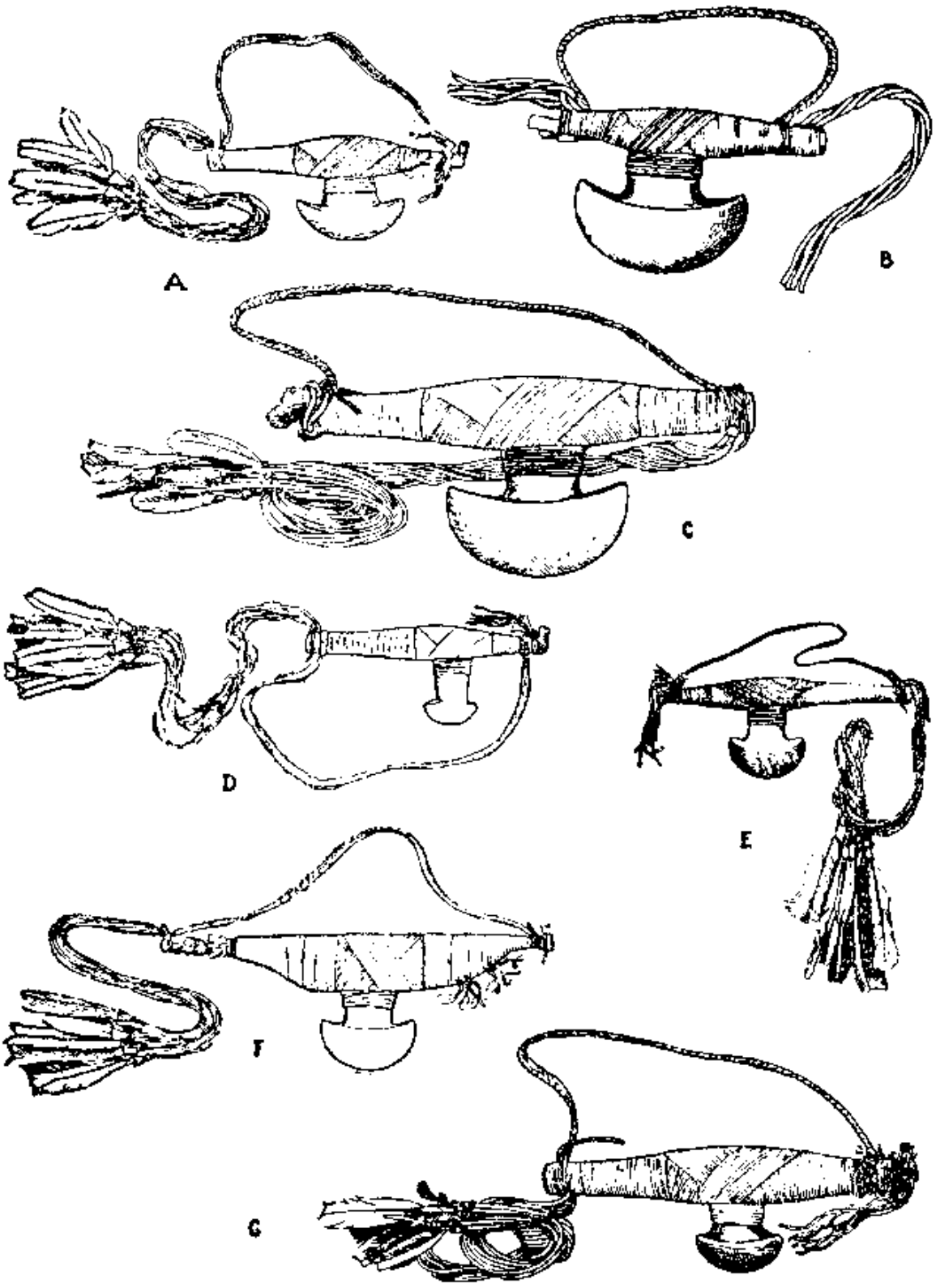

Fig. 5 — Machados-âncora brasileiros.

(p. 60) (22), KISSENBERT menciona como os mencubagocré-caiapó guardavam, enterrados, seus machados-âncora. Nestas circunstâncias seria necessário reencabá-los a intervalos freqüentes.

Vista de olhos aos machados-âncora ilustrados na fig. 6 revelará que seus cabos se reduzem a dimensões rudimentares, mesmo que — assim o assegurara POHL (vol. II, ps. 194/195) — em raras ocasiões possam ter sido usados, na realidade, em combate. Não pode padecer dúvida o fato de terem tomado caráter puramente cerimonial. Sabe-se muito pouco a respeito da data em que foram coligidos. O machado da fig. 6A constitui parte da coleção *Vollmer* de meados do século XIX, conservado no *Museum fuer Voelkerkunde*, de Hamburgo; quanto aos machados C e D, foram levados para o *British Museum* respectivamente em 1877 e 1860; o machado H foi adquirido em 1865 pelo Museu Etnográfico da Suécia, em Estocolmo. POHL (vol. II, p. 194/195 — ilustrado por VON HOCHSTETTER, est. V: 3, p. 101) adquiriu, no início do século XIX, machado com cabo rudimentar entre os poracramecrã. Desconheço machados-âncora com cabos rudimentares que tenham existido na Europa, comprovadamente, antes do ano 1800. É todavia inegável que todos os machados vistos na fig. 6 foram executados com o mesmo esmêro que caracteriza os mais primitivos da fig. 3, o que, considerado de modo genérico, é típico dos objetos manufaturados por ameríndios que têm, com os brancos, intercâmbio mínimo ou mesmo nenhum. À semelhança dos machados de que já tratamos, os que se vêem na fig. 6 são munidos de bandoleiras; pode ser notado, entretanto, através das fotografias dos machados B e C (23), que aquelas se desataram das extremidades distais dos cabos e dêles pendem com as cordas longas e ornamentais; preferi não corrigi-lo nos desenhos.

FIG. 6 — (A) — Êste machado faz parte da coleção *Vollmer* do *Museum fuer Volkerkunde* em Hamburgo, e foi descrito minuciosamente por ANTZE. A lâmina é de diorito. O comprimento do cabo é de 25 cm. Sua procedência é tida como sendo a "região da foz do rio Xingu".

(B) — Nas coleções do *Rijksmuseum voor Volkenkunde*, de Leide. Dá-se-lhe a seguinte descrição: "Machado de pedra castanho-amarelado, configuração de âncora; lâmina em forma de crescente, polida, com o colo largo e achatado, inteiramente envolvido por meio de cordão impregnado de resina. Afixado em sua porção superior há um cabo horizontal, oriundo de estipe

(22) — Corresponde à p. — desta tradução. (Nota do trad.).

(23) — No texto: "B e D"; òbviamente êrro tipográfico, em desacôrdo com as características descritas logo a seguir. (Nota do trad.).

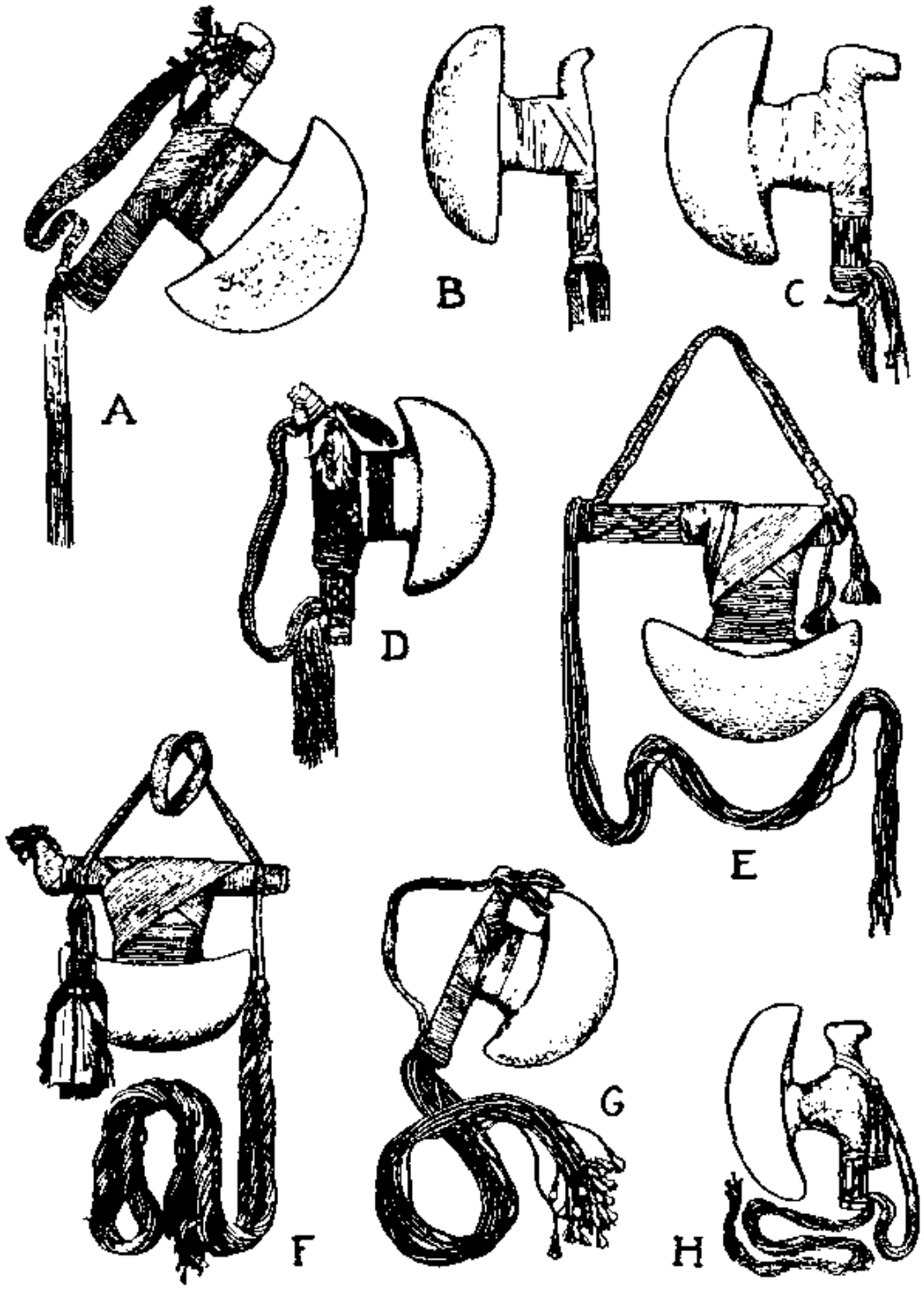

Fig. 6 — Machados-âncora brasileiros.

de palmeira, de secção quadrada no centro e em sua mor parte, bem como o colo, revestido de cordão impregnado de resina. A porção distal do cabo é achatada, virada para trás, corniforme; sua porção proximal, de secção ovalar está envolvida com tiras de taquara entretecidas, ao longo, com liber, e serve de empunhadura. Duas faixas trançadas de cordão grosso e amarradas, fixam-se à porção proximal por meio de envoltório de cordéis. Ficam pendentes as extremidades livres das faixas, formando laços nos quais se prendem dois anéis trançados de cordão, em cujas extremidades livres estão enfiadas contas de côr castanha, terminando em franja. Comprado à Marquesa Cavalcanti em Paris, por intermédio de Mr. J. Schulman de Amersfoort, agôsto de 1898. Comprimento total, 19 cm; largura do colo, 8,5 cm; comprimento da lâmina, 2,3 cm; espessura da mesma, 3,5 cm; comprimento do cabo, 24 cm; espessura do cabo, 3 cm; comprimento das faixas + franja, 48 cm." Nenhuma informação quanto à proveniência.

(C) — No *British Museum* de Londres. Tido como oriundo dos Gaviões; presenteado ao museu em 1877 por R. MARSHAM (24). Comprimento do cabo, 9 cm.

(D) — No *British Museum*, Londres (60.3 — 36,1). Do Rio Tocantins. Presenteado por R. MARSHAM. (24). Descrições de: RATZEL (vol. II, p. 582); HAMY (p. 88, fig. 30); HARTT (p. 45 e segs.); EVANS (fig. 95, p. 156) e ilustrado no *British Museum's Handbook to the Ethnographical Collections* (p. 296, fig. 285). Comprimento do cabo, 9,5 cm.

(E) — No museu de St. Gallen (D. 697). Dos Canela, Maranhão, na região do médio Tocantins. O machado-âncora acima referido, colecionado por POHL e agora em poder do museu de Viena (ilustração de VON HOCHSTETTER est. V:3), é em tudo semelhante ao que aqui está sendo considerado.

(F) — Pertence ao *Dresden Museum*, Stuttgart. Dos rancocamecrã (Canela). Comprimento do cabo, 24 cm.

(G) — No *Linden Museum*, Stuttgart (n.º 46912/Slg Zarges). O comprimento da lâmina, de ponta a ponta, é de 30 cm. Comprimento do cabo, 26 cm; idem das cordas pendentes, 80 cm. Dos caiapó, no rio Araguaia.

(24) — No texto, o nome é precedido do título "Hon". (Nota do trad.)

(H) — No *Museu Etnográfico da Suécia,* Estocolmo (R. M. 1061). Presenteado ao museu pelo Dr. Castro em 1865, tido como oriundo dos "índios carajá do Alto Amazonas". A procedência está, aqui, errôneamente determinada. Afirma-se no catálogo, outrossim, que machados dêste tipo foram usados pelos ameríndios para decapitar seus prisioneiros de guerra. O comprimento do cabo é de 20,5 cm.

Ocupei-me, até agora, com machados-âncora do Brasil oriental, quero dizer, com os que estão vinculados às tribos jê. Como ressaltará do mapa de distribuição (fig. 13), os machados de pedra em forma de âncora podem, entretanto, ser encontrados também nas regiões do médio rio Amazonas. Guardam estreita semelhança em relação aos machados âncora do Brasil meridional, cf. p. 80 (25), pois que as porções do gume e do colo têm igual espessura. Assim, não dispõem do ressalto que, nos machados-âncora do Brasil setentrional, delimita a transição entre estas duas regiões da lâmina.

Na fig. 7 está representado um machado com lâmina de pedra ancoriforme do rio Negro, pertencente à coleção *Vollmer* do *Museum fuer Voelkerkunde* de Hamburgo. Foi descrito pormenorizadamente por ANTZE (est. 6:2, ps. 17/18). O cabo tem o comprimento de 56 cm e a lâmina está fixa a uma escavação entalhada no encabadouro, graças a fitas impregnadas de substância resinosa. No mapa, fig. 13, é indicado sob o número 21.

Êste machado tem sido considerado, até o presente, achamento fortuito desta região do Brasil e, comparando a ornamentação meandro-semelhante, do cabo, com certos objetos etnográficos do Nordeste brasileiro, divulgados por KOCH-GRÜNBERG, procurou ANTZE verificar sua alegada proveniência.

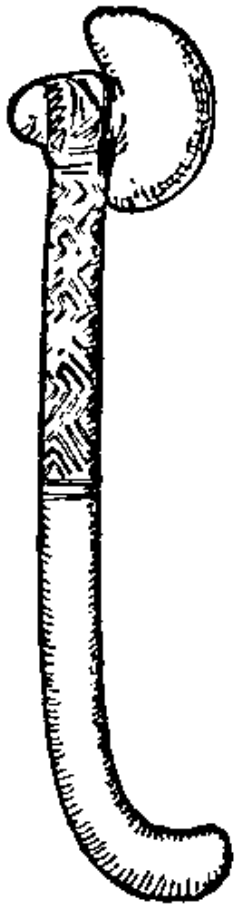

Fig. 7 — Machado-âncora do rio Negro, Brasil. (Segundo ANTZE).

(25) — Corresponde à p. 30, desta tradução. (Nota do trad.)

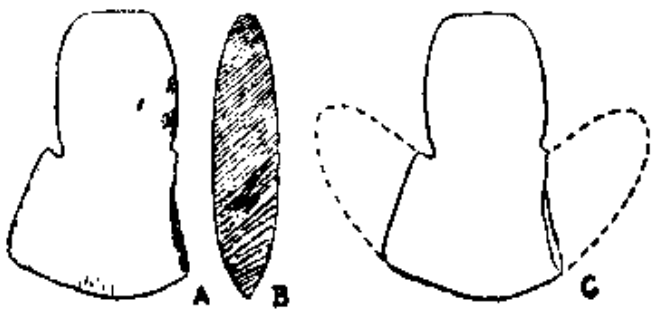

Fig. 8 — Fragmento de machado-âncora de Castanhal, região do médio rio Amazonas.

Nas coleções arqueológicas das regiões do médio rio Amazonas, adquiridas pelo Museu de Gotemburgo (G. M. 26.26) através da colaboração de CURT NIMUENDAJU, há um fragmento de machado de pedra em forma de âncora oriunda da antiga taba de Castanhal. Esta localidade fica situada na margem direita do paraná dos Ramos, um dos tributários meridionais do rio Amazonas. Assinalou-se o achado, no mapa, sob o n.º 22. Tanto êste fragmento de machado, como também a reconstituição gráfica de seu aspecto primitivo, podem ser vistos na fig. 8. O comprimento do machado fragmentário é de 11 cm e o material provém de rocha acinzentada, finalmente granulada. Associados a êste fragmento, foram recolhidos, da taba de Castanhal, os objetos representados na fig. 9. É de especial interêsse o fragmento (fig. 9 F); nêle se vê ornamentação de características exatamente similares às que ocorrem no cabo do machado divulgado por ANTZE, há pouco referido. Em ambos os casos, como vimos, a configuração do machado está associada à ornamentação meandro-semelhante. Desconheço objetos ornamentados segundo êste estilo, oriundos dos jê. No manuscrito que acompanha sua coleção, NIMUENDAJU se refere a êste motivo ornamental como *ornamentação paurá,* assim crismada segundo antiga taba situada entre a foz do paraná do Urucará e a confluência superior do paraná do Arari no rio Amazonas. Alguns fragmentos de cerâmica dos paurá ,apresentando ornamentos meandro-semelhantes foram ilustrados por NORDENSKIÓLD (2, est. XXXVII:a, d). NIMUENDAJU assinala em seu manuscrito ter encontrado fragmentos, que se assemelham aos dos paurá, em três outros locais arqueológicos: Terra Preta, Santa Cruz e Castanhal (acima citado). NIMUENDAJU descreve, ainda, em seu manuscrito, os achädos arqueológicos de Castanhal ,ilustrados na fig. 9, como segue: "Der Wohnplatz von Castanhal ergab nur wenige verzierte Scherben: ein scheibenformiger Gefaessfuss (fig. 9G), ein Scherben mit echtem Paurá — (fig. 9F) und ein Topfrand mit nicht minder echtem Konduri-Ornament (fig. 9J), ein Stueck eines Herdfusses (fig. 9B), innen hohl, aussen mit einigen Linien ornamentiert die mit der Fingerspitze gezogen scheinen. Drei Steinbeile (fig. 8 und fig 9A, C) von denen das eine Ankeraxt gewesen zu sein scheint.

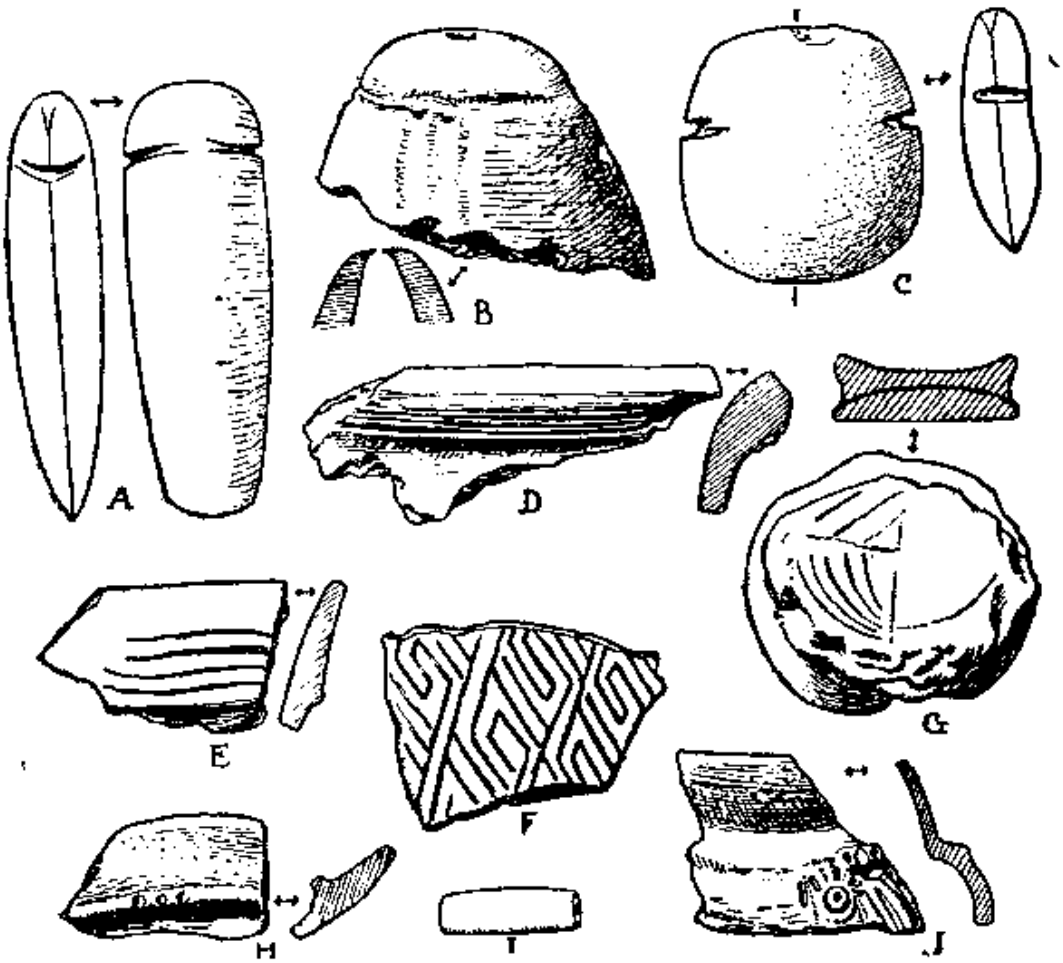

Fig. 9 — Achados arqueológicos da taba de Castanhal. (A êstes pertence também o machado de pedra da Fig. 8.) A — Machado de pedra. B — Base de fogareiro. C — Machado de pedra. D — Fragmento da borda de um vaso de argila. E — Fragmento da borda de um vaso de argila. F — Fragmento de vaso com gravura ornamental. G — Base de recipiente de argila. H — Fragmentos de bordas de vasos. I — Cilindro de pedra. J — Fragmento de borda de vaso de argila. Escala: B, ¼; os demais, ½. (G. M. 26. 26. 307-313.)

Ein langsdurchbohrter Quartzcylinder, 31 mm lang und 14 mm stark" (fig. 91). (26)

A propósito do segundo estilo de ornamentação, mencionado por NIMUENDAJU na citação acima como presente em alguns achados

(26) — No texto não é traduzida para o inglês esta citação. Traduzimos: "A taba de Castanhal forneceu apenas alguns fragmentos ornamentados: um pé de recipiente, discóide (fig. 9G) um caco revestido de ornamentação paurá genuína (fig. 9F) e uma borda de panela com ornamentação conduri não menos legítima (fig. 9J); um pedaço de base de fogareiro (fig. 9B), ôco por dentro e ornamentado externamente com algumas linhas, parece obtidas pelo deslizamento de polpa digital. Três machados de pedra (figs. 8 e 9A, C), dos quais um quiçá tenha sido machado-âncora. Um cilindro de quartzo perfurado longitudinalmente, com 31 mm de comprimento e 14 mm de espessura (fig. 9I). (Nota do trad.)

de Castanhal, isto é, a *ornamentação conduri,* deu êle no manuscrito a seguinte informação quanto à sua distribuição geográfica: "Gebiet der Konduri-Keramik. (Dwelling-sites: São Lourenço, Jaraquiquara, Lago Jará, Maracá-uaçu, São Paulo, Serra do Balaio, Serra dos Parintins) Wie ich 1922 feststellte, grenzt die Tapajó-Keramik im Westen an eine andre die ich nach dem frueher im Nhamundá — Trombetas-Delta hauseden Stamm der Konduri benannte, obwohl sie sich ueber beide Ufer des Amazonas erstreckt. Auf der Suedseite liegt die Grenze zwischen den beiden Stilen auf 56º W.L. Greenw., so dass noch der ganze Lago Grande de Villa Franca in das Gebiet der Tapajó-Keramik, seine westliche Fortsetzung aber, die Seen Selé und Curumucury in das der Konduri-Keramik fallen. Ueber das ganze Gebiet der letzteren und darueber hinaus finden sich jedoch einzelne Stuecke verstreut die zweifellos aus dem Gebiet der ersteren stammen." (27) Foram também ilustrados, por NORDENSKIÓLD, fragmentos de vasilhas de barro ornamentadas em estilo conduri, na "Ars Americana". (NORDENSKIÓLD, 2.) A estampa XXXVII: 2, d, por exemplo, mostra dois fragmentos da antiga taba de Jaraquiquara, a que foi feita alusão acima. Por amor de perfeição quero ainda, relativamente ao caso, citar as tabas em que ocorre *cerâmica dos tapajó,* que NIMUENDAJU menciona em seu manuscrito. São as seguintes: Aldeia de Santarém, Taparí, Alter de Chão (28), Mocotó, Aramanaí, Ajamori, Paricatuba, Guajará e Cuipiranga. Foram divulgados, por NORDENSKIÓLD, (2) objetos de vários dêstes locais.

Nesta parte do Brasil foram coligidos, arqueològicamente, machados-âncora em maior quantidade ainda, se bem que até agora não se lhes tenha dado a devida importância. É mencionado, por RODRIGUES, (29) machado-âncora arqueológico do médio Amazonas. Coligido no distrito onde habitam aruaques do rio Uatumá, nas

(27) — No texto, sem tradução para o inglês. Traduzimos: "Região da cerâmica dos conduri (tabas: São Lourenço, Jaraquiquara, Lago Jará, Maracá-uaçu, São Paulo, Serra do Balaio, Serra dos Parintins). Conforme verifiquei em 1922, a cerâmica dos tapajó confina a oeste com outra que denominei conduri em virtude da tribo que habitava primitivamente no delta do Jamundá-Trombetas, se bem que se estenda por ambas as margens do rio Amazonas. Ao Sul, a 56º de longitude a oeste de Greenwich, localiza-se a linde entre os dois estilos, de sorte que ainda corresponde à região da cerâmica dos tapajó a totalidade do Lago Grande de Vila Franca, enquanto que os Lagos Selé e Curumucuri, sua seqüência ocidental, pertence à cerâmica dos conduri. Em todo o território dos últimos e além dêle encontram-se alguns exemplares esparsos que, indubitàvelmente, se originam da região dos primeiros (Nota do trad.).

(28) — Sic, no texto. (Nota do trad.).

(29) — No texto: "RODRIGUEZ", reiteradamente, exceto na lista bibliográfica (Nota do trad.).

proximidades do desaguadouro dêste no Amazonas; é dada a seguinte descrição (RODRIGUES, I, p. 51): "Pelos vestígios e numerosos fragmentos de louça e machados que se encontram, principalmente na praia onde as águas têm escavado as barrancas, vê-se que aí outrora foi taba dos mesmos índios. Os machados e a louça são iguais aos que já hei descrito, sòmente encontrei um outro, inteiramente diferente, dos que tenho encontrado e descrito. Afeta a forma de uma meia-lua, tendo no lado maior, que é um pouco entrante, uma saliência de 0,02 de comprimento, um pouco cavada lateralmente, na parte que se une ao triângulo. Tem de comprimento 0,05, compreendendo a saliência; de largura, 0,85 e de grossura 0,12. A parte oposta à saliência ou o gume, é desbastada e como que amolada. Assemelha-se ao lado de uma alabarda, e não me parece ser machado porque não se presta a colocação do cabo." (30)

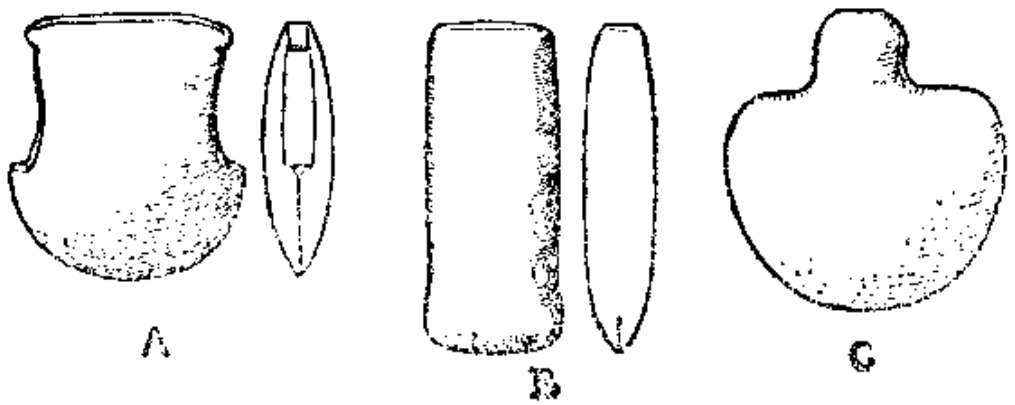

Fig. 10 — Machados de pedra do Amazonas central.

Noutro trabalho de RODRIGUES (2, vol. I, est. II: 4,5) estão representados mais dois machados-âncora arqueológicos do Amazonas central: um dêles indicado sob o número 20b no mapa, e coligido em Sant'Ana, no rio Uatumá; outro, encontrado no rio Iatapu, e de configuração semelhante.

HARTT (est. VII: 7 e VIII: 7, ps. 1/53) divulgou machado-âncora de gnaisse finamente granulado, tido como oriundo do Amazonas e, por isto, possìvelmente, da mesma região daqueles acima referidos. Relativamente à configuração, corresponde ao machado visto na fig. 1 K.

Na fig. 10 estão reproduzidos alguns machados de pedra dos quais A e B foram encontrados no distrito de Óbidos, enquanto C

(30) — A transcrição está, no texto, em português, obedecendo à ortografia vigente na época, isto é, na segunda metade do século XIX. Não é dada tradução para o inglês. Atualizamos, como é de praxe, para a atual, aquela ortografia. Dois erros de revisão, no texto: "lade", por "lado" e "collacoção" por "collocação". (Nota do trad.)

provém do distrito de Maués. Os machados A e B pertencem ao museu de Gotemburgo (G.M. 25.12.11/12). *A* tem 7,5 cm de comprimento e é feito de variedade branca e negra de rocha grosseiramente granulada. Está indicado sob o número 17 no mapa da fig. 13 *B*; tem 9,5 cm de comprimento e é de material semelhante. No machado A foram feitas duas reentrâncias rasas para facilitar sua fixação no encabadouro. No machado B pode ser notado discreto esbôço de gume semilunar que, no caso de A, é mais pronunciado. Foram divulgados por HARTT (est. VII:8 e VIII:8, ps. 48, 52/53) e NETTO (p. 492) dois machados do Brasil sem especificação do local do achado e que, relativamente à porção do gume, constituem forma de transição entre A e B. O machado C da fig. 10 foi divulgado por HARTT (est. VII: e VIII: 4, p. 48, 52/53). Foi coligido no distrito de Maués e está indicado sob o número 18 no mapa. O material consiste de rocha semelhante ao gnaisse, e seu comprimento é de 8,5 cm. Machado muito parecido ao que ora foi mencionado, RODRIGUES 2, vol. I, est. III: 12) o divulgou. Está anotado no mapa da fig. 13, assinalado por 20a. A localidade onde foi encontrado é a mesma da do machado 20b, isto é, Sant'Ana no rio Uatumá. Êstes machados-âncora agora descritos foram achados em área relativamente limitada em tôrno do médio Amazonas. O número 19 do mapa distributivo na fig. 13 indica machado-âncora do rio Machado, tributário do rio Madeira. Êste objeto foi publicado por VON HOCHSTETTER (est. V:6, p. 103) e pertence ao museu de Viena. Os entalhes, feitos para maior eficiência à fixação no cabo, foram no caso vertente realizados com visível superficialidade no colo, que por isto mesmo devera ter sido embutido no encabadouro. O local em que êste objeto foi encontrado, como pode ser visto, é insulado e um tanto remoto do dos restantes, razão por que é concebível que tenha sido para ai desviado através de intercâmbio comercial. Pelo modo como estão localizados os entalhes para fixá-lo ao cabo, todavia, difere tanto dos machados coligidos no médio rio Amazonas quanto dos do Brasil oriental. O que mais se aproxima, como réplica, dêste machado, consiste em achado arqueológico de Chordeleg no Equador. (VERNEAU e RIVET, est. VI: 10.) Nenhum achado de cerâmica, associado a êstes machados ora referidos, pôde ser assinalado, motivo por que, até o presente, são classificáveis apenas como achados fortuitos.

O machado reproduzido na fig. 11, com lâmina ancoriforme, pertence à coleção Ambras do museu de Viena. Foi denominado "machado de combate de Montezuma", e assim reiteradamente divulgado; sua descrição mais minuciosa foi dada por VON HOCHSTETTER (p. 99). O comprimento do cabo é de 95 cm e a lâmina consiste de rocha que se assemelha a sienito. VON HOCHSTETTER também divulgou outro machado da mesma coleção,

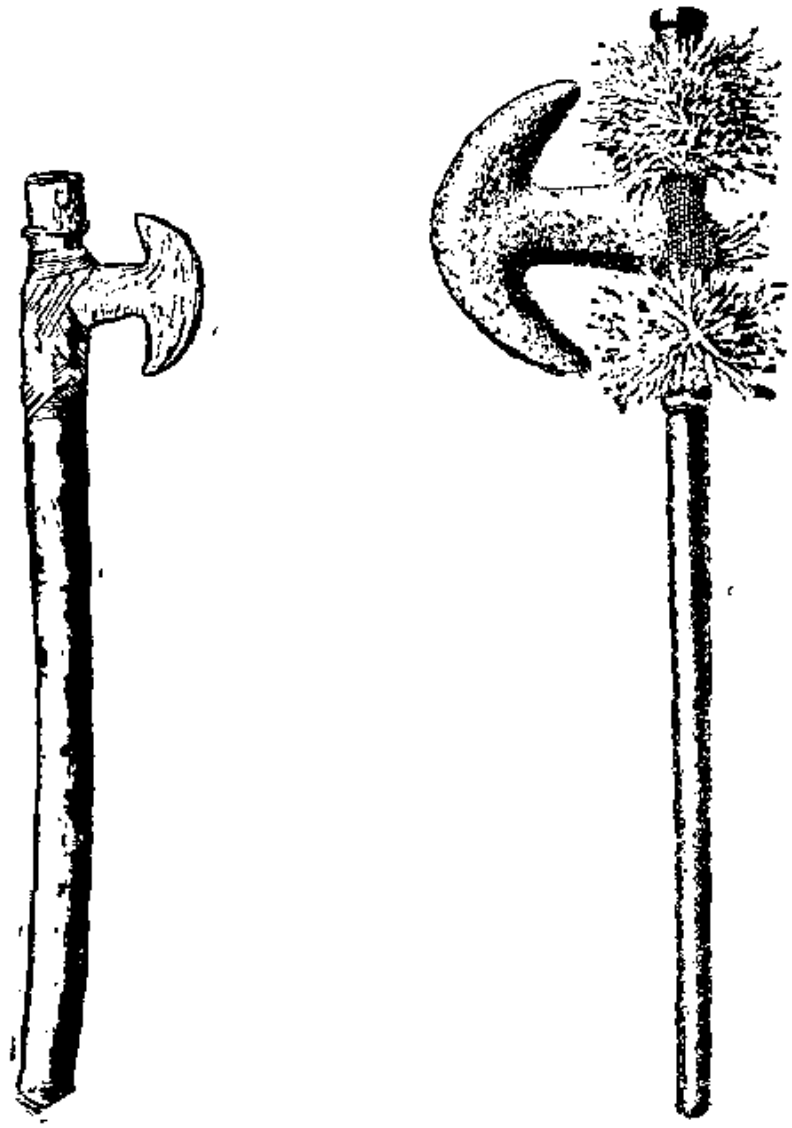

Fig. 11 — "Machado de combate de Montezuma". (Segundo HOCHSTETTER.)
Fig. 12 — Machado-âncora. (Segundo HOCHSTETTER.)

cf. fig. 12. O cabo dêste é de 65 cm de comprimento e também aqui se trata de lâmina feita de variedade de rocha com as características do sienito. VON HOCHSTETTER opina estar laborando em êrro a tradição, quando descreve o machado da fig. 11 como o de combate de Montezuma, pois que ambos (das figs. 11 e 12) provieram do mesmo local, isto é, do Brasil. Se tal fôr confirmado, êstes dois machados são, supostamente, os machados-âncora encabados mais antigos que chegaram aos nossos tempos e, como já foi explicado, dá apoio a esta presunção a configuração dos cabos.

Do mapa, fig. 13, que mostra a distribuição geográfica, foram excluídos todos os machados-âncora dos quais não dispúnhamos de dados aceitáveis quanto à proveniência. Na maioria dos casos, não obstante, é muito insatisfatória a informação quanto à localidade. É mais freqüentemente confinada ao nome do Estado em que o acharam. Se, por exemplo, a proveniência é dada como sendo o Estado do Maranhão, isto não nos explica se o objeto em questão vem do interior ou da região litorânea. Informação mais exata, no que tange aos achados das regiões litorâneas, seria de grande interêsse com vistas a que tais achados da região costeira, ao tempo da descoberta habitada pelos tupi, poderiam conduzir a conclusão quanto à antiga fixação das tribos jê. Por esta razão foi possível mostrar no mapa, sòmente, como os machados-âncora estão distribuídos nos vários Estados do Brasil. Por amor da clareza e a fim de não sobrecarregar o mapa, ali assinalei, apenas, um machado com cabo. Não obstante, o mapa mostra que *os achados arqueológicos de machados-âncora se concentram no Brasil oriental* e que, em vista disso, o machado-âncora deve ser considerado elemento cultural típico das tribos jê. Se incluirmos a procedência disponível dos dados concernentes a machados encabados, verificaremos confirmação desta teoria. MAYNZHAUSEN (p. 464) menciona que, enquanto examinava velhas tabas no alto Paraná, encontrou machados-âncora que êle assegura serem símbolos dignitários de chefes das tribos guarani. Quanto a esta última assertiva, êle labora um êrro: já citei anteriormente determinadas autoridades das quais depreende ter sido entre as tribos jê que aquêles machados-âncora desempenhavam esta função. As tabas investigadas por MAYNZHAUSEN eram, entretanto, habitadas por guaranis, se julgarmos segundo a descrição feita por êsse autor do material arqueológico. A presença de machados-âncora entre os mesmos pode indicar que as tabas em questão eram, ocasionalmente, ocupadas por tais ou quais tribos jê, ou que os machados adquiridos no decurso de intercâmbio, ou ainda como espólio de guerra. Por outro lado evidencia-se que os machados-âncora, da seção meridional da área de distribuição, apresentam-se destituídos do ressalto entre o gume e o colo. Também disto há confirmação se incluirmos os machados-âncora encabados, provindos de origem conhecida, os das figs. 5 e 6, e ainda as lâminas da fig. 1,H e L, oriundas do norte do Brasil. Mesmo a porção do colo mais larga, ou quase configurada em T, parece ser feição caracteristicamente nortista. Com respeito aos achados arqueológicos de machados-âncora da região amazônica, encontramo-los muito poucos em número. A questão de como estão relacionados aos achamentos no Brasil oriental é, presentemente, de difícil determinação. É possível que a natureza do terreno, escasso em pedras, fôsse a causa de

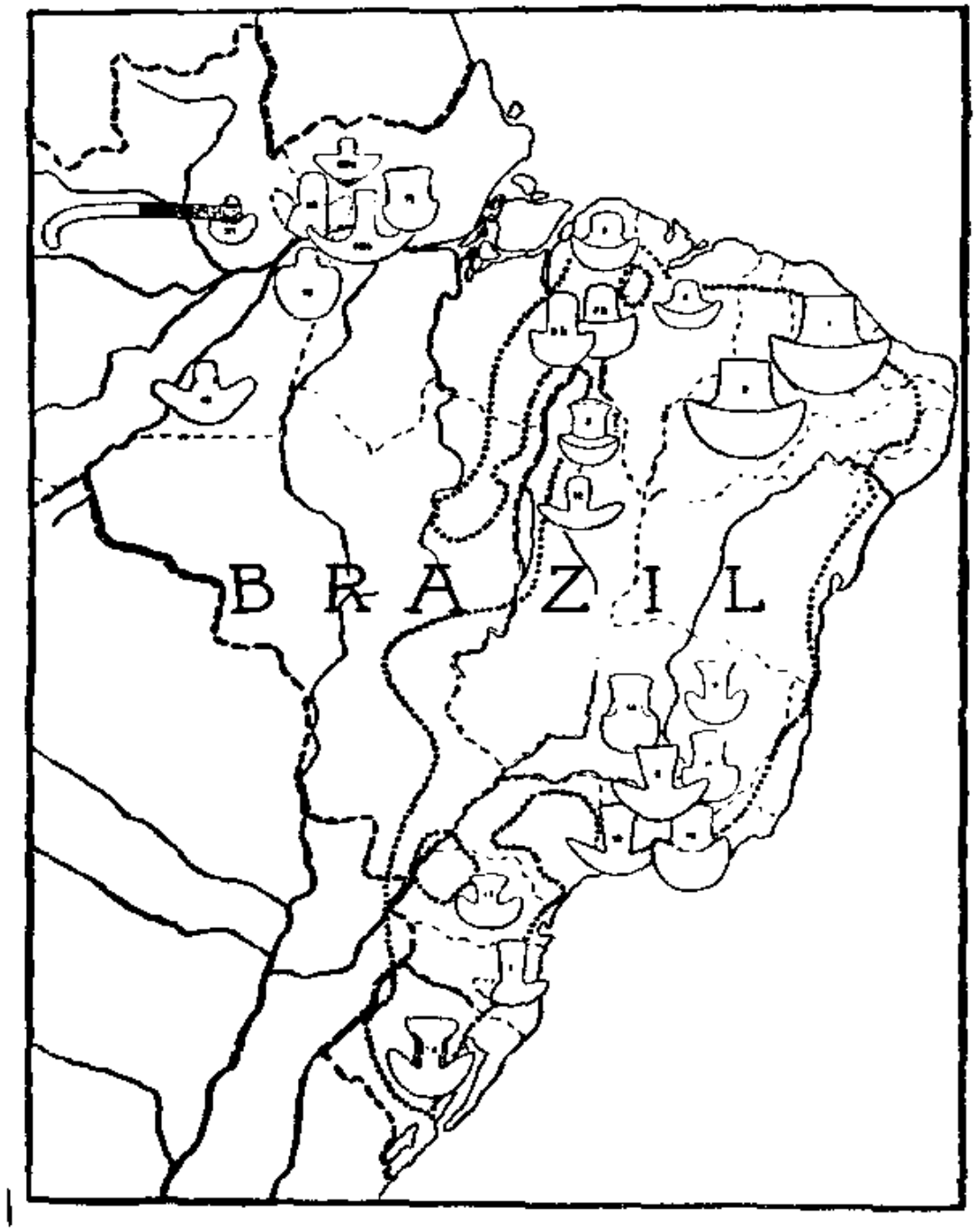

Fig. 13 — Mapa da distribuição dos machados-âncora brasileiros. A linha pontilhada indica os limites do território habitado pelos jê.

terem sido os machados-âncora espalhados como artigo de intercâmbio ao longo do rio Amazonas. A resposta a isto poderia ser encontrada através de análise petrográfica. Pode comprovar-se o fato de tais machados terem sido objeto de intercâmbio, pelo achado que VON IHERING (fig. 1T) publicou. Com vistas aos machados de pedra

do Equador, dotados de fio semilunar (VERNEAU e RIVET, est. VI: 3, 6/10), pode notar-se que são muito semelhantes aos do Brasil. Na maioria dos casos foi perfurado um orifício através da porção do colo, com a finalidade de fixá-lo mais firmemente ao cabo. Também ocorrem formas correspondentes, feitas de metal (VERNEAU e RIVET, est. XVIII: 10 e est. XIX: 2, 5, 10), razão por que não estão aqui incluídos tais achados.

O machado-âncora é de nímia importância como meio de estabelecer a dispersão das tribos jê. A pobreza da cerâmica na cultura dêstes amerindios torna pràticamente impossível solver esta questão, do ponto de vista arqueológico. Os objetos pertinentes à sua cultura são material perecível em demasia. O machado-âncora tem sido usado como arma e objeto de cerimonial; para o trabalho eram utilizados outros, mais singelos. Como exemplos disto KRAUSE (fig. 242) ilustra dos caiapó dois machados de pedra: êstes têm contôrno quase inteiramente retangular. O colo é grosso e, em secção, retangular com arestas boleadas. Ainda não é possível, sòmente com o auxílio de achados desta natureza, determinar a distribuição pré-histórica dum povo.

BIBLIOGRAFIA

ANDREE, R.: Brasilianische Ankeraxt im Herzogliches Museum zu Braunschweig. Globus LXV:1 Braunschweig 1894.

ANTZE, G.: Die Brasiliensammlung Vollmer aus der ersten Haelfte des 19. Jahrhunderts. Mitteilugen aus dem Museum fuer Voelkerkunde in Hamburg, VII. Beiheft zum Jahrbuch der Hamburgischen Wissenschaftlichen Anstalten, XXXVIII, 1920. Hamburg 1922.

BUSCHAN, G.: Illustrierte Voelkerkunde, I. Stuttgart, 1922.

COLINI, G. A.: Une autre hache en pierre du Brésil. Internationales Archiv für Ethnographie, IV. Leiden 1891.

ESTÊVAO DE OLIVEIRA, CARLOS: Os Apinagé do alto Tocantins. Separata do Boletim do Museu Nacional, VI: 2 — Rio de Janeiro 1930.

EVANS, JOHN: The ancient stone implements, weapons and ornaments of Great Britain. London, 1897.

D'ÉVREUX, Père YVES: Voyage dans le nord du Brésil. Avec une introduction et des notes par M. Ferdinand Denis. Leipzig & Paris, 1864.

GIGLIOLI, H. H.: On rare types of hafted stone battleaxes. Internationales Archiv für Ethnographie, IX, Suppl. Leiden, 1896.

HAMY, E. T.: La collection d'Ambras au Musée de Belvédère à Vienne. Revue d'Ethnographie, III. Paris, 1885.

HARTT, CARLOS FREDERICO: Descripção dos objectos de pedra de origem indígena conservados no Museu Nacional. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Vol. I, Rio de Janeiro, 1876.

v. IHERING, H : 1) Archeologia comparativa do Brazil. Revista do Museu Paulista, VI São Paulo, 104. 2) Die Verbreitung der Ankeraexte in Brasilien. Zeitschrift für Ethnologie, 20. Berlin, 1888.

HANDBOOK to the Ethnographical Collections, British Museum London, 1925.

v. HOCHSTETTER, FERDINAND.: Ueber mexikanische Reliquien aus der Zeit Montezumas in der K. K. Ambraser Sammlung. Denkschriften der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften (Phil.-Hist. Classe). Bd. 35. Wien, 1885.

JACOBI ,A.: Fünfzig Jahre Museum fuer Voelkerkunde zu Dresden, 1875/1925. Dresden, 1925.

JOYCE, THOMAS A.: South American Archeology. London, 1912.

KISSENBERTH, WILHELM: Über die hauptsaechlichsten Ergebnisse der Araguaya — Reise. Zeitschrift für Ethnologie, 44. Jahrgang. Heft 1. Berlin, 1912.

KLEMM, GUSTAF: Allgemeine Cultur-Geschichte der Menschheit (31) Bd II. Leipzig, 1843.

LINNÉ, SIGVALD: Darien in the Past. Goteborg, Kungl. Vetenkaps — och Vitterhetssamhalles handlingar. Femte foljden. Ser. A Band I N: 03 Goteborg, 1929.

MAYNTZHAUSEN (32), F. C.: Über vorcolumbianische Siedlungen am Alto Paraná. Actas del XVII Congreso Internacional (33) de Americanistas, Buenos Aires, 1912.

NETTO, L.: Investigações sôbre a Archeologia Brazileira. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, VI. Rio de Janeiro, 1885.

NORDENSKIÖLD, ERLAND: 1) Sydamerikas Indianer. Stockholm, 1912. 2) Ars Americana. L'Archeologie du Bassin de L'Amazone. Paris, 1930.

PALDAOF, J. M. (34): Archeologia Rio-Grandense. Revista do Museu Paulista, IV São Paulo, 1900.

PIGORINI, LUIGI: Il Museo Nazionale Preistorico ed Etnografico di Roma. Prima relazione de Luigi Pigorini a S. E. il Ministro della Pubblica Istruzione. Roma, 1881.

POHL, JOHANN (35) EMANUEL: Reise im Inneren von Brasilien, I-II. Wien, 1832 / 1837.

MEYER, A. B. und UHLE, M.: Seltene Waffen aus Afrika, Asien und Amerika. Koeniâliches Ethnographisches Museum zu Dresden, V. Leipzig, 1885.

RATZEL, FRIEDRICH: Voelkerkunde I — II. Leipzig-Wien, 1894/1895.

RODRIGUES, JOÃO BARBOSA: 1) Exploração dos Rios Umbu e Jatapu, Rio de Janeiro, 1875. 2) Antiguidades do Amazonas. Ensaios de Sciencia, I — II. Rio de Janeiro, 1876.

---

(31) — No texto: Menscheit. (Nota do trad.).

(32) — No texto: MAYNTZHUSEN. (Nota do trad.).

(33) — No texto: International. (Nota do trad.).

(34) — ANGYONE COSTA in 'Introdução à Arqueologia Brasileira" — 3.ª ed., Brasiliana Vol. 34, São Paulo, 1959), cita na bibliografia: "PALADOFF (J. M.) Arqueologia Rio-Grandense. Revista do Museu Paulista, vol. IV São Paulo, 1898" — (Nota do trad.)

(35) — No texto: JOHAN. (Nota do trad.).

RYDÉN, STIG: Archeological Researches in the Department of La Candelaria. Etnologiska Studier. Bd. 3. Goteborg, 1936.

SCHMELTZ, J. D. E.: Ein neuer Beitrag zuz Geschichte der Verwischung der Herkunft ethnographischer Gegenstaende. Internationales Archiv für Ethnographie, III. Leiden, 1890.

v. SPIX, JOH. BAPT. und v. MARTIUS, CARL FRIEDR. PHIL.: Reise in Brasilien, I — III. München, 1823/1831.

VERNEAU, R. et RIVER, P.: Ethnographie ancienne de l'Équateur. Mission de service géographique de l'armée pour la mésure d'un (36) arc de méridièn équatorial en Amérique du Sud. T. 6. Paris, 1912/1922.

(36) — No texto: d'une. (Nota do trad.).